

HILST, Hilda. [Carta] 23 mai. 1967 (b), Campinas [para] Walmir Ayala, Rio de Janeiro. (AMLB-FCRB).

HILST, Hilda. [Carta] 19 jan. 1967 (a), Campinas [para] Walmir Ayala, Rio de Janeiro. (AMLB-FCRB).

HILST, Hilda. [Carta] 10 out. 1964, São Paulo [para] Carlos Drummond de Andrade, Rio de Janeiro. (AMLB-FCRB).

HILST, Hilda. [Carta] 10 ago. 1962, São Paulo [para] Carlos Drummond de Andrade, Rio de Janeiro. (AMLB-FCRB).

LEITE NETO, Alcino. Hilda Hilst revela poema inédito de Drummond. *Folha de São Paulo*, 6 abr. 1991. Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/ilustrada_06abr1991.htm> Acesso em: 6 abr. 2007.

MILANESI, Luis Augusto. 1991, São Paulo [para] Hilda Hilst, Campinas. (Cedae).

OLINTO, Antônio. Resenha: *Poemas da Paixão*, de Walmir Ayala, *O Globo*, 23 dez. 1967.

RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um Jovem Poeta*: a canção de Amor e de Morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke. 25. ed. São Paulo: Editora Globo, 1996.

Recebido em 16/03/2010

Aprovado em 29/04/2010

A ANTINOMIA DA METAFÍSICA BANAL: A GNÓSTICA SENHORA H

Attila de Oliveira Piovesan

Ufes

RESUMO: O trabalho investiga as relações entre a história narrada em a *Obscena Senhora D*, de Hilda Hilst e o pensamento gnóstico, mostrando como essa união resulta em uma busca do divino através do grotesco e da subversão das normas sociais, religiosas e estilísticas.

PALAVRAS-CHAVE: Hilda Hilst. Gnose. Gnosticismo. Sofia. Busca.

ABSTRACT: The paper investigates the relations between Hilda Hilst's *A Obscena Senhora D* and the gnostic thinking, showing how this union results in a quest for God through the grotesque and the subversion of social, moral and stylistic rules.

KEY WORDS: Hilda Hilst. Gnosis. Gnosticism. Sophia. Quest.

INTRODUÇÃO

que se deite aqui e sinta comigo os murmúrios, palavras que deslizam numa teia, uma estacou agora, e vagarosamente uns fios brilhosos se torcem à sua volta, meu deus, vão recobri-la, que palavra, que palavra? CONHECIMENTO, Hillé, ainda posso vê-la, CONHECIMENTO sendo sufocada por uns fios finos e de matéria densa. (Hilda Hilst)

Sendo Hilda Hilst quem foi, isto é, uma escritora cuja obra se constrói pelo desbravamento de uma miríade de conceitos – muitos ditos herméticos, mais ou menos ostensivos –, a “tábua etrusca” em que se consiste seu trabalho torna, geralmente, qualquer esforço de decifração por vezes vão, já que, justamente por não sermos a própria autora, “talvez seja praticamente impossível deslindar, analisar, fragmentariamente, o universo riquíssimo de Hilda Hilst” (AZEVEDO FILHO, 2007, p. 25-26). Além de propor um problema ontológico, isso indica um limite.

O limite se constitui no próprio *corpus* hilstiano. As análises pelas quais se submete o trabalho da escritora ficam, muitas vezes, aquém do ideal. Entretanto, para o bem ou para o mal, a capacidade de criar e impor significações de Hilda Hilst é extraordinária. Por isso, se os partidários da idéia de que qualquer tentativa de criar um sentido unívoco e monolítico tende inexoravelmente ao fracasso estiverem certos, Hilst será um eterno sorvedouro analítico. Mas, por outro lado, muitas vezes fica a sensação de que a escrita da autora clama por um sentido totalizante.

Se estamos condenados ao eterno desapontamento não sabemos, mas isso não impede uma apreciação cuidadosa, ainda que talvez malfadada, do mundo hilstiano. Mas isso é um risco que todos correm quando se trata de Hilda Hilst, e, se a própria se sentia livre para fracassar, ela se tornou uma avalista involuntária tanto das sandices quanto dos brilhantismos no tocante à apreciação de sua obra.

Além do mais, a chamada tábua etrusca pode até ser difícil, mas não é tão ilegível assim. Hilda Hilst oferece algumas instruções do uso da Pedra de Rosetta que é sua escrita:

Os conceitos de tempo, de deterioração,

morte e finitude são veículos, agentes da angústia para o ser humano. Meu trabalho tenta perceber o que passa, o que acontece no homem naquela porção que tem a ver com suas razões mais profundas. Todo o exterior é perecível. Só a tentativa humana de relação com o infinito é que é permanência. Registrar o possível eterno: minhas personagens tentam se dizer no mais difícil de ser verbalizado, pois tentam tocar na extremidade de uma corda cuja outra extremidade está presa a uma forma, essa sim, imperecível; o que me interessa são as relações do homem com isso, com esse eterno ser/estar (HILST apud AZEVEDO FILHO, 2007, p. 27).

Isso explica em parte a razão de sua prosa/poesia fragmentada. Seria uma tentativa de levar a linguagem ao limite e além, para exprimir o que ainda não é exprimível. Mas serve de indício também de uma busca pessoal que perpassa toda a sua obra, busca essa claramente acenada em uma importante entrevista dada aos *Cadernos de Literatura Brasileira* em 1999: a procura por Deus.

Novamente tendo a autora como avalista, encontra-se um elemento totalizante, mas depurá-lo adequadamente é tipo de trabalho que possivelmente levaria anos de pesquisa constante e uma sólida biblioteca de referência. Não tendo pretensão para tanto, o que se busca aqui é outra coisa: um fragmento, um dos possíveis conceitos que poderiam servir de apoio à escritora paulista na tentativa de entender o inefável em uma de suas histórias mais emblemáticas nesse sentido: o gnosticismo em *A Obscena Senhora D.*

GNOSE

Afirmar que *A Obscena Senhora D* é uma obra puramente gnóstica seria um reducionismo grosseiro, mas existem certas similaridades temáticas e situacionais mostradas pelo fluxo de consciência de Hillé, a protagonista da história, com os preceitos de diferentes ramos gnósticos que indicam um aceno por parte da autora a certos aspectos da Gnose. Para entender melhor um pouco sobre o gnosticismo, nos parágrafos a seguir daremos uma breve explicação sobre o assunto.

Gnose é uma palavra grega que etimologicamente significa conhecimento. A palavra pede um genitivo: deve-se conhecer alguma coisa. O sistema gnóstico, tomando o termo em forma pura, exprime o conhecimento do Deus desconhecido, a fonte absoluta de todos os outros conhecimentos. Embora, de acordo com alguns estudiosos citados por Alexandrian, possamos falar de uma religião gnóstica, cabe uma observação:

[É] necessário precisar que esta religião não parte de uma personalidade central, como Jesus Cristo para o cristianismo, [...] cujos fiéis perpetuam as revelações ao longo dos séculos. Ao contrário, estamos em presença de uma constelação de comunidades iniciáticas, servindo, cada uma à sua maneira, o culto de um valor transcendente, a Gnose (conhecimento), considerado superior à fé. Mesmo quando um chefe de escola poderoso [...] foi venerado como um homem-Deus pelos seus discípulos, essa veneração nunca constituiu um ponto de doutrina que dissesse respeito a todos os gnósticos, e não se prolongou mais do que algumas gerações (ALEXANDRIAN, s.d., p. 38).

Se esses grupos espalhados tinham suas crenças e rituais diferenciados, possuíam em comum a mesma ideologia e alguns postulados básicos. Todos se esforçavam para responder a uma pergunta: se há um Deus, por que o Mal? A conclusão a que chegaram é a de que existem duas divindades: um Deus mau, retratado no Antigo Testamento, o Deus judaico-cristão, que criou o mundo e o fez injusto. O outro Deus era o verdadeiro criador, bom, mas desconhecido, distante, não intervindo nos assuntos terrenos. Os gnósticos censuravam os seguidores do judaísmo e do cristianismo, por se aterem a um Deus falso, enquanto eles, graças à Gnose, vislumbraram a existência do verdadeiro Deus.

Outra questão que angustiava era o fato de existirem várias religiões e não uma, e tentar saber quem estava certo e errado se tornava uma tarefa penosa. Para resolver isso, o gnóstico usava a Gnose como um filtro, a fim de reter o que achava melhor das diversas e discordantes crenças, forjando “uma religião intelectual, sabiamente elaborada, em vez de uma religião revelada” (ALEXANDRIAN, s. d, p. 39). Mas o gnosticismo não se limita a copiar: modifica tudo o que absorve.

Uma escola que tem alguns pontos bastante pertinentes é a gnose simoniana, fundada por Simão, O Mago, contemporâneo de Jesus Cristo. Trata-se da mesma figura que deu origem ao crime de simonia – a troca de bens sobrenaturais por bens materiais –, e por isso ficou conhecido como *patre omnium haereticorum* (pai de todas as heresias), título dado por Santo Ireneu de Lyon. Como Simão não era cristão, chamá-lo de herético não faz muito sentido. De acordo com Alexandrian (s. d., p. 41), as fontes espirituais de Simão são Empédocles e os magos persas.

Simão era um típico feiticeiro itinerante, cujo prestígio crescia à medida que se espalhavam relatos de

seus prodígios. Começou a pregar uma cosmogonia onde seis princípios pares emanam de uma sétima potência, o Deus desconhecido, que produz Ennoia, o Grande Pensamento, A Mãe de Todos.

Ennoia criou o mundo juntamente com os anjos – que iniciaram uma disputa pelo poder. Para resolver o problema, Ennoia se dirigiu às regiões inferiores para estabelecer a ordem, mas foi aprisionada pelos anjos, ignorantes de quem era a prisioneira. Incapaz de voltar ao céu, passou na Terra por encarnações sucessivas nos corpos de várias mulheres. Por fim, O Espírito de Deus, na forma de Simão, encontrou Ennoia em uma prostituta em Tiro chamada Helena. Simão e Helena foram reverenciados como divindades por seus seguidores. Entretanto, uma ruptura com as religiões tradicionais se deu de forma interessante:

O culto de Helena é a parte sublime da gnose simoniana. Todas as religiões estão cheias de megalômanos que se tomam por Deus ou por Enviados de Deus: nada de mais banal, em suma, e isso não distingue Simão dos outros. Mas que ele tenha tido a idéia sem precedentes de fazer do Primeiro Pensamento de Deus um princípio feminino [...], de mostrar este princípio proveniente de um bordel fenício [...], era de uma audácia inaudita, quer para os pagãos, quer para os cristãos. Simão fundou assim o feminismo revolucionário e a teologia erótica da Gnose (ALEXANDRIAN, s.d., p. 39).

Depois da morte de Simão, seus seguidores continuaram seu trabalho, modificando preceitos aqui e acolá. Um deles, chamado Satornil, excluiu Helena e instituiu

um simonismo austero. Na sua cosmogonia, o universo fora criado por sete anjos – entre eles o Deus do Antigo Testamento. Esses anjos criaram o homem, mas de forma imperfeita: rastejava com um verme por não conseguir ficar de pé, uma situação penosa que foi resolvida com a intervenção do Deus desconhecido. Para Satornil, Cristo representava a Ennoia, vindo à Terra para salvar os bons. E, assim, começa a tendência de integrar cristianismo e gnosticismo.

A partir do século II a ligação aumenta. Os gnósticos, que até então estavam imersos na filosofia grega, se aproximaram bastante do cristianismo, ao ponto de se considerarem portadores da verdadeira essência dessa religião (não que isso impedisse também o uso de palavras mágicas, talismãs e, para alguns grupos, a magia sexual).

Entre os novos mestres da Gnose, podemos citar Basíledes (ou Basílidio), que viria a se tornar um dos mais célebres gnósticos. Ele chamava Deus de “Aquele que não era”, por acreditar que a causa primeira nos escapa. Para Basíledes, Deus existiu quando nada existia. Esse nada não era algo factual, mas o vazio completo, absoluto, incompreensível. Nesse vazio, Aquele que Não Existia, sem inteligência, emoção, desígnio ou qualquer sentimento, fez o mundo – não o mundo como conhecemos, mas o germe do mundo. Esse esperma primordial deu origem a diversos seres e coisas. Dessa *panspermia* criada do que não existia, surgem três “filhos”, formados

por uma parte subtil, que se ergueu até junto do Deus que não existia, por uma parte opaca, que se revestiu do Espírito Santo servindo-lhe de asa para se elevar nas alturas, e de uma parte impura que se conservou na semente universal. Da parte subtil desprendeu-se Arconte (Governador) que, ignorando

a existência de um Deus acima dele, criou o firmamento, os astros e os seres celestes; Basílidio denomina-o a Cabeça do universo [...] ou ainda Abraxas, o rei dos trezentos e sessenta e cinco céus. Depois, um segundo Arconte, inferior àquele, saiu da parte impura e utilizou a *panspermia* para criar a Terra e os seus habitantes (ALEXANDRIAN, s. d., p. 47).

Justamente neste mesmo século, os ataques ao Deus do Antigo Testamento se intensificaram. Marcion (ou Marcião) talvez seja o primeiro grande cismático do cristianismo. Filho de um bispo, foi educado como cristão, mas exprimia enfaticamente sua crença no Deus bom e no Deus mau, além de divergir dos relatos bíblicos tradicionais e dos evangelistas em vários pontos. Em compensação, a idéia da Igreja de usar o Novo Testamento como um acréscimo do Antigo, assim como opor à Lei e aos Profetas os Evangelhos e os Apóstolos, teve origem em Marcion.

Outra grande contribuição no que concerne ao pensamento gnóstico estava ocorrendo quase ao mesmo tempo. Dessa vez, o personagem principal era Valentim, um egípcio que em Roma se liga aos cristãos, ao ponto de se candidatar a bispo. Ao ser preterido, entra em atrito com a Igreja, o que resulta em sua excomunhão. Por fim, se estabelece em Chipre e cria uma cosmogonia notável, introduzindo os conceitos de Pleroma, Eons, Sofia e sizígia (este último com um sentido bem particular para a gnose valentiniana).

Segundo Valentim, antes do começo existia o Propator (Pré-Pai), ou Bitos (Abismo), em repouso absoluto com Sige (Silêncio), a sua parte feminina. Propator, o Deus desconhecido, era amor, mas como este não existe sem objeto amado, projetou, fora de si, Noûs (Mente), o

primeiro dos Eons. Se para os gregos Eon era uma noção de tempo, para Valentim era uma abstração emanada do Propator, pois este age no universo apenas através dos Eons.

Depois de Noûs, vem Alteia (Verdade), um Eon feminino, formando assim a primeira sizígia – pares de Eons, ativo/passivo, macho/fêmea, complementares ao invés de opacionais, e que em sua totalidade formam o reino divino, a Pleroma (Plenitude).

Noûs e Alteia engendraram Logos e Zoé (Verbo e Vida), e estes Antropos e Eclésia (Homem e Igreja). Essas duas sizígias, tendo origem comum, o Intelecto e a Verdade, emitiram: uma delas, uma série de dez Eons, a outra, a outra uma série de doze Eons. De Logos e Zoé saíram, assim, Bitios e Mixis (Abissal e Mistura), Ageratos e Henonis (Isento-de-velhice e Redução-à-uniidade), Autofises e Hedona (Que-nasce-de-si-próprio e Prazer), Acinetos e Sinocrasis (Não Móvel e Ajuntamento), Monogenes e Makaria (Engendrado-só e Bem-aventurado). Por seu lado, Antropos e Eclésia produziram Paracletos e Pistis (Defensor e Fé), Patricos e Elpis (Paternal e Esperança), Matricos e Agapé (Maternal e Amor), Eclesiásticos e Macaristas (Eclesiástico e Santa), Telete e Sofia (Querido e Sabedoria). (ALEXANDRIAN, s. d., p. 51)¹.

Valentim consegue criar algo inusitado: abstrações com sexualidade. Além do mais, as entidades têm

1 Alexandrian esqueceu de incluir Ainos (Saudação, ou Eterno) e Synesis (Inteligência, Compreensão) entre as emissões de Antropos e Eclésia para completar as doze sizígias.

sua cota de problemas, causados principalmente por Sofia, a mais jovem dos Eons, e uma das conseqüências do drama da mais nova emanção foi a criação do mundo.

Eis como tudo começou, de acordo com o sistema valentiniano: por estar tão distante do Propator, Sofia quer de qualquer jeito vê-lo e a ele se juntar. Ela não consegue e, por causa de seu desejo insatisfeito, concebe uma filha degenerada e disforme, que tomba no Caos. A perturbação causada por isso atinge toda a Pleroma. O Propator emite um novo Eon, Horos (Limite), que impede Sofia de ir para fora do reino divino. Logos e Zoé emitem uma nova sизígia, Cristos e Pneuma (Cristo e Espírito Santo), para mitigar a infelicidade de Sofia.

A filha disforme tombada, Sofia Achamoth, não teve a mesma sorte e, por causa dos “erros” da mãe, se separou da Pleroma e teve quatro paixões: medo, tristeza, ansiedade e oração. Dessas paixões, surgiu nosso universo. Do medo, surgiu a substância psíquica; da tristeza, a matéria; da ansiedade, os demônios; das orações, o Demiurgo. Este, no sistema valentiniano, é o criador do mundo humano e é considerado ignorante e estúpido, sem saber que existe um Deus acima de si. Por causa dessas limitações, o Demiurgo é um artesão desajeitado que não sabe o que cria e que foi inspirado pela Sofia inferior na construção do mundo, mas acredita que fez tudo sozinho. Para salvar a Sofia Achamoth, os Eons decidem em conjunto fazer uma nova emissão. Este novo Eon, Jesus, foi enviado por Cristo e Pneuma ao mundo material para resgatar a Sofia inferior.

Não abarcando a totalidade das seitas e das crenças gnósticas, alguns temas, porém, se repetem, com mais ou menos diferenças de acordo com a linha de pensamento. Os Arcontes ora são mais importantes para determinada escola, ora não o são, para outra; O Demiurgo, muitas vezes identificado como Iadabaoth, é em grande

parte das descrições um ser maligno; outras vezes, é uma criatura idiota e desajeitada. A mulher sempre – ou quase sempre – desempenha um papel fundamental nas inúmeras variações da idéia de um princípio cósmico feminino que engendra o universo. Muitas seitas gnósticas eram rigorosamente ascetas e proibiam o ato sexual, mas mesmo aquelas com grande liberdade na exploração da sexualidade com frequência apelavam para métodos contraceptivos e abortivos, pois ter filhos significaria colocar mais almas no mundo do Deus maligno.

No mais, as cosmogonias descritas têm algumas características importantes: sempre envolvem algo impuro, algum sentimento negativo, alguma situação de abandono, de queda ou aprisionamento.

A SENHORA H

Em Hilda Hilst, tema e estilo por vezes são paradoxais. Tematicamente, *A Obscena Senhora D* trata da busca do sentido fundamental das coisas, de Deus. Entretanto, estilisticamente, somos bombardeados por palavras que desconstróem qualquer aspiração de nobreza, seja física ou metafísica. Paradoxalmente, é essa desconstrução que sustenta a busca de Hillé, a Senhora D. É por isso que Deneval Siqueira de Azevedo Filho aplica o conceito de inumano de Jean-François Lyotard na leitura de Hilst:

O conceito de inumano/inumanidade [...] pode ser entendido como um movimento de restauração, de restaurar para resistir, resistência como tarefa da escrita, do pensamento, da literatura e das artes em geral, pois delas é essencialmente a tarefa de aventurar-se

a inumar o desamparo e o abandono às letras e dar corpo à alma em vaziez, buscando nomes, tateando campos, acariciando dobras, subvertendo, muitas vezes, o conceito de sublime pela sua aproximação do grotesco e do marginal (AZEVEDO FILHO, 2007, p. 33).

De fato, Hilda Hilst estraçalha todas as normas convencionais de narrativa e estilo, servindo-se tão bem do grotesco que, de alguma forma, santifica a busca.

Para os gnósticos, saber quem ou o quê Deus era dependia de explicar o Mal; profetas bíblicos tradicionais se tornam vilões, por serem considerados servos do Demiurgo maligno, enquanto um personagem como Caim se torna herói. Aliás, o nome de Caim não surge em vão: vejamos as crenças dos cainitas, talvez o mais sombrio grupo gnóstico:

Estes pensavam que a verdadeira família de Sofia se compunha de todos aqueles que, no Antigo Testamento, se tinham oposto a Jeová; como conseqüência honravam Caim, Cham, Esaú e os habitantes de Sodoma e Gomorra, que consideravam perseguidos pelo judaísmo. Possuíam o *Evangelho de Judas*, onde este revelava que tinha traído o Salvador porque sabia que o império de Iadabaoth seria aniquilado com sua morte. Os cainitas entregavam-se a todos os actos proscritos pelo Decálogo, a fim de demonstrarem que não obedeciam às Leis de Moisés. [...] como pensavam que um anjo mau estava de guarda a cada acto carnal, insultavam-no e desafiavam-no invocando-o enquanto se entregavam ao acto (ALEXANDRIAN, s. d., p. 68).

Hilda Hilst faz um constructo de inumanidade através de Hillé, e o gnosticismo não fica atrás. Talvez a palavra antinomianismo se aplique aqui: “doutrina luterana de João Agrícola (1494-1566) que, em nome da supremacia da fé e da graça divina, prega a indiferença para com a lei” (HOUAISS, 2001) – mas em um sentido mais amplo, não limitada apenas a um evento específico, mas aplicável a qualquer movimento religioso, filosófico ou ideológico que vilipendie as convenções sociais e legais em nome da integridade do que se acredita.

Ora, é isso que Hillé faz todo o tempo: ela quer manter o direito de acreditar em sua busca por Deus/Pai, mesmo que para tanto precise se isolar em sua casa, escandalizar os vizinhos, dormir em um vão de escada. Hillé quer saber tudo, inclusive, como os gnósticos, entender o que é o Mal:

de onde vem o Mal, senhor?
misterium iniquitatis, Senhora D, há milênios
lutamos com a reposta, coexistem bons e
maus, o corpo do Mal é separado do divino.
quem criou o corpo do Mal?
Senhora D, o Mal não foi criado, fez-se, arde
como ferro em brasa, e quando quer esfria, é
gelo, neve, tem muitas máscaras, por sinal,
não gostaria de se desfazer das suas, e trazer
a paz de volta à vizinhança?
e como é o corpo do Mal?
de escuridão e ouro
(HILST, 1993, p. 44-45)

Ao contrário dos gnósticos, Hillé, a Senhora D, não tem uma resposta para o Mal, mas nela está sempre presente uma vontade insaciável de saber:

esses doutos, falantes, esses da filosofia, ai, devemos nos amar, Hillé, para sempre, eu te dizia: tu tens vinte agora, eu vinte e cinco, pensa tudo isso não vai voltar, não terás mais vinte nem eu vinte e cinco, teremos cinqüenta, cinqüenta e cinco, e vais ficar triste de teres perdido o tempo com perguntas, pensa como serás ao sessenta, eu estarei morto.

por quê?

causa mortis? acúmulo de perguntas de sua mulher Hillé.

(HILST, 1993, p. 47).

Do mesmo jeito que a Sofia retratada pela Gnose, Hillé procura Deus/Pai e, em certo momento, ela é conclamada a olhar a face de Deus, no abismo, e nada vê, exceto névoa e fundura, ao que então lhe é pedido para construir uma cara e, “Res facta, aquieta-se” (HILST, 1993, p. 55). Continua procurando “La Oscura Cara” (HILST, 1993, p. 68) e “caminha com pés inchados, Édipo-mulher” (HILST, 1993, p. 71), tentando encontrá-lo. Finalmente implora: “acode-me, meu Pai, me lembro de tão pouco mas ainda sei que és Pai” (HILST, 1993, p. 71).

O silêncio, em muitos sistemas religiosos, tem um valor sacramental indiscutível e não é privilégio da Gnose, mas situar Deus em um abismo é algo geralmente reservado às potências infernais. Porém, lembrando que, na cosmogonia valentiniana, o Deus desconhecido é/está no Abismo, cercado por Silêncio, não deixa de ser curioso o imperativo “Res facta, aquieta-se”. Da mesma forma que Hillé, a busca de Sofia pelo Propator é motivo de grande sofrimento, e, como o último Eon, a Senhora D passa por etapas de medo, tristeza, ansiedade e até mesmo oração (não necessariamente nessa ordem).

Outro ponto em comum com a Gnose que a *A Obscena*

Senhora D tem é a manifestação da figura feminina e da sexualidade. Para vários grupos gnósticos, tudo só existe por causa da intervenção de um princípio feminino gerador, seja a Ennoia simoniana ou a Sofia de Valentim, ou outras manifestações de uma entidade supernal feminina (como a Barbeló dos setianos, gnósticos que veneravam Seth, o terceiro filho de Adão e Eva). Se na maior parte da novela a idéia do divino é masculina, Hillé faz uma pequena concessão ao feminino cósmico: “Toma-me, Mãe Primeira, estou cega e no fundo do rio” (HILST, 1993, p. 61). Além do mais, a procura da Senhora D ainda tem outras analogias: “Quase todos os grupos gnósticos [...] distinguem a Sofia superior, Mãe celeste, e a Sofia inferior, à qual chamavam ora Sofia Achamoth, ora Sofia Pronunicos (“a Lasciva”), porque consideravam desejo sexual o seu desejo de luz (ALEXANDRIAN, s. d., p. 59).

Não é por acaso que um dos vizinhos acusa Hillé de estar possuída por Asmodeu, demônio da luxúria, e Astaroth, demônio que tem seu nome originado em Astarte, deusa da fertilidade e sexualidade. E a lascividade de sua busca santa não deixou de ser notada por EHUD, o falecido marido da protagonista: “agora, vamos, tira a roupa, pega, me beija, abre a boca, mais, não geme assim, não é para mim esse gemido, eu sei, é para esse Porco-Menino que tu gemes, pro invisível, pra luz, pro nojo, fornicas com aquele Outro, não fodes comigo, maldita, tu não fodes comigo” (HILST, 1993, p. 66).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vários problemas pertinentes ao estudo deixaram de ser abordados. A relação entre santidade e erotismo e a escrita de Hilda Hilst ganha outra dimensão se, lidos, por exemplo, à luz do que Georges Bataille escreveu so-

bre o assunto. Outras abordagens sobre morte e desamparo podem, sem dúvida, trazer questões parecidas com as mostradas nos itens anteriores, sem passar necessariamente por uma análise baseada em seitas gnósticas. Mas o ponto não é listar os recortes ausentes.

Tentamos mostrar que existe um componente na sacrossanta busca de Hillé, ou de Sofia, que surge por rejeitar a banalidade do mundo, do saber, do conhecer, levando em conta sentimentos de abandono, desprezo e angústia que emergem da procura.

Uma grande familiaridade com religião e misticismo somada à sua considerável erudição faz com que Hilda Hilst nunca ofereça uma visão/versão didática ou tranqüilizadora, sempre evitando a metafísica banal, mergulhando o leitor em um universo referencial desconcertante. Como os gnósticos, Hillé (ou Hilst) procura pela via intelectual, não pela fé revelada. O sublime da busca pelo divino se mescla à realidade nauseabunda nas palavras de Hillé: “procuro a caminhada sem fim, te procuro, vômito, Menino-Porco” (HILST, 1993, p. 40). Ora, fazer afirmações dessa natureza, contra o conceito ideal de busca pelo sagrado, se torna um ato antinomianista por excelência.

Não precisamos ser Hilda Hilst para fazer associações desse tipo. O exemplo a seguir é real e tem – obviamente guardando as devidas proporções – suas analogias com a situação de Hillé em *A Obscena Senhora D*. É o caso relatado por Carlo Ginzburg em *O queijo e os vermes*: um simples moleiro friulano foi acusado de afirmar que “o mundo tinha sua origem na putrefação” (GINZBURG, 2008, p. 9). Para resumir, no século XVI, o moleiro, chamado Menocchio, foi considerado herejarca por suas idéias heterodoxas sobre questões da fé, mas condenado a uma pena leve no primeiro julgamento. Entretanto, depois de reincidir, não foi poupado. Mas

antes passou por um longo processo de incompreensão e isolamento, que piorou depois de um impacto psicológico considerável decorrente da morte da esposa e do filho favorito.

A intenção em trazer para a discussão *O queijo e os vermes* visa a simplesmente evidenciar a derrelição que se pode sofrer em buscar ou tentar compreender algo inatingível, em uma situação que muitas vezes culmina no quixotesco, com a perda de um ente querido, agindo não como causa primeira, mas como catalisador. Tanto Hillé quanto Menocchio, antes da morte de pessoas amadas, já trilhavam um caminho divergente. O moleiro provavelmente não chegou aos extremos psicológicos de Hillé – e dificilmente alguém chegaria: não era parte da agenda de Hilda Hilst, em *A Obscena Senhora D*, ser realista, apontar para uma lógica convencional ou para a verossimilhança: sua escrita tinha propósitos diversos.

Existe, para alguns, uma recusa em aceitar as incongruências quando se trata da busca de um conhecimento mais profundo das coisas. Essa recusa assume diversas formas: o pensamento independente de um moleiro friulano; a profusão de seitas gnósticas; a escrita inumana de uma autora paulista. Nenhuma dessas visões ignora os sofrimentos inerentes à condição humana, pois a própria jornada empreendida os evidenciam.

Mas, diferente dos gnósticos, Hilda Hilst não oferece uma explicação. Nem poderia, pois, no mundo hilstiano, não dá para seres que vivem em um universo turvo (ou seja, nós) explicarem satisfatoriamente “um susto que adquiriu compreensão” (o que era Hillé na visão do Porco-Menino). Que a protagonista seja alguém que enlouquece em uma busca trágica – e talvez fútil, como várias vezes a memória de seu marido Ehud sugere –, é apenas a tentativa de Hilst de registro do eterno ser/estar em um *topos* não-localizado, com um personagem que rompe

com todos os padrões e se deleita em um fluxo caótico de consciência onde, ao seu dispor, o banal transfigura-se em obsceno, e este se torna instrumento de um sublime não compreendido e possivelmente incompreensível – e que não é, ao fim das contas, necessariamente reconfortante.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRIAN. *História da filosofia oculta*. Lisboa: Edições 70, s.d.

AZEVEDO FILHO, Deneval Siqueira de. *A bela, a fera e a santa sem saia: ensaios sobre Hilda Hilst*. Vitória: UFES/GEITES, 2007.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

HILST, Hilda. *Rútilo nada*. Campinas: Pontes, 1993.

HOUAISS, Antonio et al. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001 CD-ROM.

VALENTINIANISM. In: *Wikipedia: the free encyclopedia*. Disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Valentinianism>. Acesso em 30 jan 2008.

VÁRIOS autores. *Das Sombras. Cadernos de Literatura Brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 8, out 1999.

Recebido em 22/03/2010

Aprovado em 29/04/2010

O TEXTO TEATRAL O VERDUGO, DE HILDA HILST, E OS LIMITES DA RAZÃO

Deneval Siqueira de Azevedo Filho

Ufes

RESUMO: Este ensaio analisa o teatro bissexto de Hilda Hilst, mais especificamente sua peça *O verdugo*, considerando o tempo histórico em que ela foi escrita e a recepção produtiva do teatro brechtiano contida no texto teatral como prática cultural, social e política.

PALAVRAS-CHAVE: Hilda Hilst. Teatro. Brecht. Recepção Produtiva. Texto Literário.

ABSTRACT: This essay analyzes Hilda Hilst's drama, written very scarcefully, more specifically her text *O verdugo*, considering it was written at a special time which leads the reading to a Brecht's receptive production as a cultural, social and political practice.

KEY WORDS: Hilda Hilst. Theater. Brecht. Receptive Production. Literary Text.

INTRODUÇÃO

Sempre que estudei a narrativa de Hilda Hilst, tinha uma certa sensação de perda e, muitas vezes, de ganho, pois é impossível perseguir os destinos de sua narrativa sem perder os referenciais lógicos das prosas doces, leves e sem compromissos e ganhar o discurso alado que trafega entre mundos reais e lúdicos. Muitas vezes, sentime em um caminho só de ida, por não ter tido medo de